



História de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs entre crônica e a “historiografia” medieval muçulmana

| 1

Éderson José de Vasconcelos¹

Resumo: A fonte Histórica de Al-Andalus de Ibn Al-Kardabus, traduzida e organizada pelo filólogo Felipe Maíllo Salgado, busca narrar os principais feitos muçulmanos no território Ibérico, durante o califado Omíada (711-1031) se estendendo até os primeiros anos do califado Almorávidas. No entanto, esta documentação foi elaborada posteriormente a este período, esta obra foi pensada e complicada na corte Almóadas. Nosso objetivo, neste artigo, é demonstrar como os Almóadas desenvolveram sua própria perspectiva bélica do Jihad, pois eles se organizavam com foco em uma expansão territorial que buscava recuperar e reestruturar a antiga unidade política muçulmana peninsular “Al-Andalus”; assim também buscavam conter o avanço castelhano no território Ibérico. Neste sentido, estamos demonstrando uma interpretação ainda em desenvolvimento, pela historiografia contemporânea, pois são poucas as obras que buscam compreender como este grupo muçulmano aplicou a sua guerra como mecanismo de dominação contra os cristãos. Como justificativa para a presente comunicação temos como foco a busca por novas compreensões a respeito dos Almóadas. Nesta prerrogativa do presente trabalho, iremos demonstrar como as narrativas históricas são compreendidas por Ibn Al-Kardabus.

Palavras-chave: Historiografia; Al-Andalus; Ibn Al-Kardabus; Almóada.

Abstract: The Historical source of Al-Andalus by Ibn Al-Kardabus, translated and organized by philologist Felipe Maíllo Salgado, seeks to narrate the main Muslim deeds in the Iberian territory, during the Umayyad Caliphate (711-1031) extending to the first years of the Almoravid Caliphate. However, this documentation was prepared after this period, this work was conceived and complicated in the Almohad court. Our objective in this article is to demonstrate how the Almohads developed their own warlike perspective of Jihad, as they organized themselves with a focus on a territorial expansion that sought to recover and restructure the ancient peninsular Muslim political unit “Al-Andalus”; thus they also sought to contain the Castilian advance in the Iberian territory. In this sense, we are demonstrating an interpretation still under development, by contemporary historiography, as there are few works that seek to understand how this Muslim group applied its war as a mechanism of domination against the Christians. As a justification for this communication, we focus on the search for new understandings regarding the Almohads. In this prerogative of the present work, we will demonstrate how historical narratives are understood by Ibn Al-Kardabus.

Keywords: Historiography; Al-Andalus; Ibn Al-Kardabus; Almohad.

¹ Bolsista CAPES. Sob a orientação da medievalista Dra. Aline Dias da Silveira. Doutorando em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Membro do grupo de pesquisa Meridianum (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais) doutorado Sanduiche na Universidade Autónoma de Madrid (UAM) sob orientação do Professor Dr. José Santiago Palacios Ontalva, que realiza a função de coorientar da tese hoje. Licenciado e Mestrado em História pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG).

E-mail: ederson_vasconcelos@hotmail.com





Introdução

A *Histórica de Al-Andalus de Ibn al-Kardabūs*, traduzida e organizada para o espanhol pelo filólogo Felipe Maíllo Salgado, narra os principais feitos muçulmanos no território Ibérico. A baliza temporal presente na documentação se estende do califado Omíada (711-1031) até os primeiros anos do califado Almorávidas, no entanto, esta documentação foi elaborada posteriormente a este período. A obra foi pensada e complicada na corte Almóadas². Nosso objetivo neste trabalho é demonstrar como os Almóadas desenvolveram sua própria perspectiva bélica do *Jihad*, pois eles se organizavam com foco em uma expansão territorial que buscava recuperar e reestruturar a antiga unidade política muçulmana peninsular “Al-Andalus”; assim também buscavam conter o avanço castelhano no território Ibérico.

Portanto, estamos demonstrando uma interpretação ainda em desenvolvimento, pela historiografia contemporânea, pois são poucas as obras que buscam compreender como este grupo muçulmano aplicou a sua guerra como mecanismo de dominação contra os cristãos. Como justificativa para a presente texto, temos como foco a busca por novas compreensões a respeito dos Almóadas. Nesta prerrogativa, iremos demonstrar como as narrativas históricas são compreendidas por *Ibn al-Kardabūs*.

Consequentemente, levantamos algumas indagações para pensarmos o presente trabalho: a) Por que as crônicas medievais são fundamentais para a compreensão da História medieval tanto para cristãos como para muçulmanos? b) Qual o contexto histórico e quais os objetivos do cronista muçulmano *Ibn al-Kardabūs*? c) como o islamismo compreendia as crônicas no período medieval? Tais questões serão o cerne de nosso texto, e através das respostas teremos a nossa crítica referente a *Histórica de Al-Andalus de Ibn al-Kardabūs*.

²Almôadas (do árabe *al-muwahhidūn*: crentes na unidade de Deus) Movimento religioso muçulmano fundado (c. 1120) nas montanhas do Atlas como reação contra o estéril legalismo dos almorávidas, cujo puritanismo original fora, por esse tempo, corrompido. Os almôadas pregavam um regresso à estrita moralidade e ao texto das escrituras. Invadiram a Espanha em 1146 e em 1172 tinham conquistado todas as áreas muçulmanas, exceto as Baleares. O Estado almôada centralizado, governado desde Marrakesh pelo emir, era ainda menos tolerante a outras religiões do que os almorávidas tinham sido (em acentuado contraste com a política tolerante do califado de Córdoba e dos reinos *taifa* que lhe sucederam); a emigração de moçárabes cristãos e de judeus para o norte enfraqueceu a Espanha muçulmana cultural e economicamente. Os almôadas venceram um importante batalha em Alarcos (1195) e pareciam estar prestes a invadir os reinos cristãos, mas seu poder foi quebrado em 1212 na decisiva batalha de Navas de Tolosa, e em poucas décadas seus sucessores estavam confinados ao reino de Granada, um anacronismo dentro de uma vigorosa, embora ainda dividida, Espanha cristã. (LOYN; 1997; p.19)





1. As crônicas Islâmicas: entre a fé e as narrativas Históricas

Buscando responder nossa primeira indagação: Por que as crônicas medievais são fundamentais para a compreensão da História medieval tanto para cristãos como para muçulmanos? Durante o período medieval, as crônicas herdaram um prestígio da História. Os homens que produziram estes documentos procuraram relatar os acontecimentos sem se preocupar em consolidar uma análise crítica dos fatos históricos.

Obviamente que estes cronistas não conseguiam compreender completamente a história em suas obras. “As Crônicas são anais (onde se anotava, ano por ano, os principais acontecimentos conhecidos) retomados, elaborados por um autor, que faz deles uma obra literária” (DUBY, 1992, p.18). Consequentemente, estas crônicas buscam narrar feitos bélicos, ações e acontecimentos ligados aos monarcas, atos de nobres e homens da Igreja, assim também como episódios memoráveis. “A crônica histórica tardo-medieval é uma realização discursiva narrativa, [...] ora, ao afirmar ser a crônica um texto narrativo, isso significa que seu estudo inclui elementos como foco, espaço, tempo, personagens, enredo, figuras e intertextualidade” (GUIMARÃES, 2012, p.70). No caso Ibérico, particularmente, os cronistas eram membros relacionados diretamente com as elites políticas, isso, tanto no mundo muçulmano quanto no cristão. Portanto, Jaime Estevão dos Reis e Luiz Augusto Oliveira Ribeiro apresentaram as crônicas medievais da seguinte maneira.

As crônicas medievais retratam determinado contexto histórico, seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, bem como a forma como os contemporâneos enxergavam a sua realidade. Essa pluralidade de informações amplia os campos de estudos para quem se debruça sobre tais documentos. Todavia, há que se ter um olhar cuidadoso na investigação das crônicas, considerando que elas podem conter uma intencionalidade não declarada, assim como qualquer outro documento histórico. Dessa forma, cabe ao pesquisador estabelecer parâmetros que lhe permitam elaborar uma análise crítica, sem incorrer na mera reprodução dos fatos narrados. (REIS, 2017, p.229-230)

Tendo como alicerce o que nos foi apresentado por Reis e Ribeiro, podemos entender que as crônicas medievais apresentam fatos históricos mesmo sendo produzidas no seio das elites políticas deste período. Em outras palavras, as crônicas para o medievo serviam como uma narrativa histórica que visava pensar os feitos dos nobres tanto para o mundo latino como islâmico. Com isso, as crônicas podem ser pensadas como um registro histórico e, consequentemente, como uma fonte de escopo de análise para a pesquisa histórica.





Portanto, conseguimos aqui pensar nossa segunda e terceira indagação: Qual o contexto histórico e quais os objetivos do cronista muçulmano *Ibn al-Kardabūs*? Como o islamismo compreendia as crônicas no período medieval? “O islã ocidental, que compreendeu durante o período medieval al-Andaluz (Península Ibérica) e o Magreb (parte do Norte da África), nos legou dezenas de crônicas. Diversas em seu formato, em verso, em prosa ou mescladas” (VEREZA; MAGELA “Org.”, 2022, p.84)

| 4

No mundo muçulmano, a compreensão e os lugares das produções das fontes são os mesmos do mundo cristão, ou melhor, as elites políticas. Tal concepção também é debatida por Fazia Bora que apresenta as “crônicas árabes medievais como narrativas tendenciosas concebidas principalmente para a busca de várias causas político-religiosas. [...] as crônicas refletem tanto a política de seu mundo quanto seus valores epistêmicos vigorosos, adaptáveis e católicos” (BORA, 2019, p.5).

Seguindo o raciocínio de Fazia Bora, temos o trabalho de Renata Rodrigues Vereza na obra *História Medieval: Fontes & Análises* em que a historiadora busca compreender as crônicas muçulmanas apresentando uma ligação entre os feitos narrados pelos cronistas e a vontade divina. Segundo Vereza.

As leituras que se faz dos acontecimentos está impregnada, do princípio ao fim, de uma mentalidade religiosa muito concreta: a crença do que história desenhado por Deus – verdadeiro protagonizada e sujeito da mesma – para a salvação do homem, que é apenas um instrumento nas mãos de Deus para que nele se cumpram seus desígnios. A história da humanidade é assim a história da religião dos homens, entendendo essa religião existentes entre estes e a divindade. [...] Tanto as derrotas como as vitórias estão dadas dentro deste contexto e o homem, como ser contingente e precário, não tem na vida outra missão que a de atestar em todos os seus atos a grandeza de Deus. Mesclando a tradição oral, sobre feitos e eventos, com fontes históricas e “notícias” (*ahbar*) – entendendo por “notícia” o relato individualizado de um acontecimento histórico extraído de uma fonte determinado; textos anteriores, quer cronísticos quer biográficos; memórias e (caso estejam escrevendo sobre seus próprios tempos) suas impressões – os cronistas vão, a partir dos princípios indicados acima, combinando elementos e compondo as crônicas, que ao fim, acabam por ser o produto de uma cadeia de transmissão coletiva. (VEREZA; MAGELA “Org.”, 2022, p.84-85)

Nas interpretações acerca das fontes muçulmanas medievais apresentadas por Fazia Bora e Renata Rodrigues Vereza, somos capazes de perceber a forte influência do elemento religioso nas narrativas, e como estes elementos de fé influenciam no desenvolvimento destas fontes. “*la documentación o de las crónicas árabigas medievales. Es a ellos a quienes dedico estas líneas, a fin de que, valorando el esfuerzo y el riesgo que conlleva la tarea de traducir el árabe, lengua fundamental para el conocimiento del medioevo hispano*” (SALGADO, 1986, p.231)





Neste âmbito, somos capazes de entender que a documentação *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs*, apresenta fatos históricos e justificativas que relacionam estas narrativas como a fé medieval. Como isso é responsabilidade de nós historiadores compreender que a identidade religiosa também se faz presente nestas fontes.

| 5

Outro aspecto que devemos levar em consideração é como os Islâmicos compreendiam as crônicas. No mundo muçulmano, a relação entre história, filosofia, e literatura estão entrelaçadas, estes campos não são isolados como nas ciências humanas atualmente. Na historiografia árabe contemporânea há o entendimento de que os cronistas medievais são historiadores e literários. Esta concepção é defendida por autores como Felipe Maíllo Salgado, Juan Martos Quesada, entre outros.

“la historiografía árabe, el carácter polifacético de los autores de las obras es evidente y no es fácil constreñir su actividad a un solo campo, como puede ser el de cronista en el área cristiana; la mayoría de los autores árabes son, a la vez, historiadores, literatos, teólogos, viajeros o ulemas –a pesar de que nosotros mismos, en cada ficha biobibliográfica, hemos intentado poner de relieve su perfil más predominante a nuestro entender–; El profesor Felipe Maíllo recoge en su libro la anécdota de la pregunta que en un congreso le hicieron al reputado arabista Ch. Pellat sobre si Mas‘ūdī, uno de los más grandes historiadores y geógrafos del islam, era historiador o literato; la respuesta fue que “era ambas cosas” (MARTOS QUESADA, 2022, p. 26).

Nesta concepção apresentada por Martos Quesada podemos perceber o desenvolvimento de uma historiografia pensada pelos muçulmanos que se iniciou durante a Era dourada do Islã³ e perdura até a contemporaneidade, em que é mesclado literatura, filosofia, geografia e história sendo assim *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs* apresenta estas características. Esta abordagem das ciências humanas sem divisão para os muçulmanos também é abordada por Felipe Maíllo Salgado, em seu trabalho *La Construcción de la Historia desde el Islam*, segundo o autor conseguimos compreender que as obras podem apresentar distintas nomenclaturas, mas elas se relacionam tanto com

³A fusão cultural arabo-persa desenvolveu a Era de Ouro ou a Era dourada do Islã em Bagdá, a qual se tornou o centro cultural e científico do mundo árabe, para onde convergiam textos de todo o mundo conhecido, inclusive textos chineses e indianos, e onde esses eram traduzidos, comentados e transformados em enciclopédias do saber universal. Por isso, a corte de Bagdá ficou conhecida como *Bavat al-Hikmat*, Casa da sabedoria. Nas últimas décadas tem-se enfatizado na historiografia as tradições de textos gregos de filósofos, matemáticos e médicos pelas escolas de traduções árabes do período abássidas, como se o único conhecimento que interessasse aos muçulmanos fosse aquele desenvolvido no mundo tradicional grego. No entanto, apesar do sonho do Califa Al-Mamun com Aristóteles, sempre lembrado pela tradição, também foram traduzidos em grandes números textos persas, indianos, chineses, egípcios e latinos. Esses movimentos alavancaram as ciências para todo o mundo árabe e cristão, na sequência, pois precisamos pensar que não havia muros, sejam físicos ou ideológicos, para o fluxo do conhecimento assim as pessoas interessadas no saber cristão, muçulmano ou judeus, circulavam por essas escolas de traduções e bibliotecas monumentais. E o mediterrâneo era a grande ponta de entre os continentes e as culturas SILVA, Paulo Duarte; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (Org.). **Ensaios de História Medieval**: Temas que se renovam. Curitiba: CRV, 2019. (p.157)



a literatura como com a filosofia, geografia e história e se desenvolvem mutuamente, para Salgado, estas relações são definidas da seguinte maneira.

“La historia, en tanto que disciplina, no tuvo jamás en la enseñanza islámica un estatuto oficial definido. En el Islam las verdaderas ciencias eran las derivadas del Corán: sus lecturas (qira’at), su recitación (taywid) y su exégesis (tafsir), completadas por otras ciencias religiosas como eran: la tradición del Profeta (hadit), la jurisprudencia (fiqh), la teología (kalam) e incluso la lengua árabe („arabiyya) con su gramática (nahw). En cuanto a la literatura (adab) –que incluía, poesía, prosa rimada, anécdotas e historia, etc.- no era más que una disciplina secundaria, nada comparable a la auténtica ciencia: la religiosa. Y sin embargo, cara a esa denigración sistemática de la historia, “se erige imponente el edificio de la historiografía árabe”, pues la historia del Islam es ante todo una historiografía, los documentos neutros son escasos y en ciertas áreas inexistentes. La ausencia de conservación de verdaderos archivos para los seis o siete primeros siglos del Islam es paradójica, dado el carácter burocrático de la administración musulmana. Los continuos levantamientos e invasiones los hicieron desaparecer, quedando ciertos documentos sobre bienes de mano muerta o fundaciones pías desde el siglo XII” (SALGADO 2009, p.5).

6

Com a abordagem de Juan Martos Quesada e Felipe Maíllo Salgado percebemos, que, para o mundo muçulmano, os cronistas medievais são apresentados como historiadores. E as narrativas apresentadas nas crônicas medievais muçulmanas tangenciam uma perspectiva historiográfica que vai ser influenciada pela sua temporalidade de produção; pois para a História e a produção historiográfica o “historiador fala de si mesmo, de sua sociedade, de seus meios políticos, das demandas do seu leitor, dos problemas que preocupam homens e mulheres de seu tempo, e das novas maneiras propostas para resolvê-los” (BARROS “Org.”, 2022, p. 10).

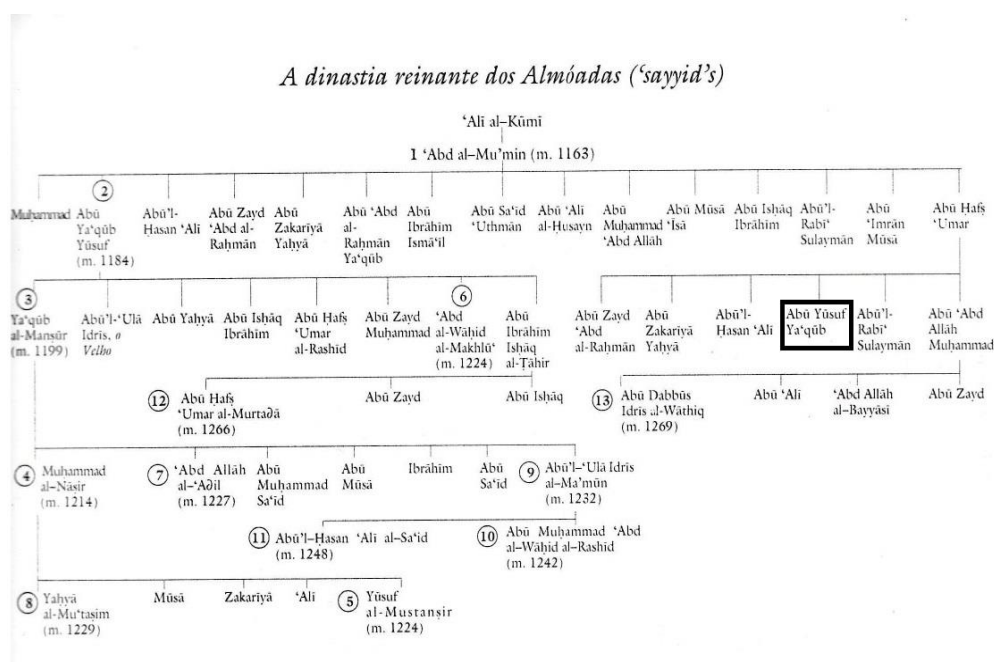


Figura 1: Dinastia Almóada Retirada da obra - KENNEDY, Hugh. **Os Muçulmanos Na Península Ibérica: história política do al-andalus**. Lisboa: Europa-América, 1999. (p.345) – Grifo em negrito nosso.



A ilustração acima nos apresenta a dinastia Almóada, tendo como grifo nosso em qual reinado o cronista viveu. Como isso, compreendemos que a fonte *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs* nos remete ao final do século XII. Pouco se sabe sobre o cronista *Ibn al-Kardabūs*, “*tradiccionista e historiador vivió a lo largo del siglo XII y falleció en el primer tercio del siglo XIII; de origen tunecino, nació en la localidad de Tozeur, aunque algunos opinan que pudiera ser andalusí y que “al-Kardabūs” sea una deformación de “El Cordobés”*. Sabemos que estudou em Alexandria (MARTOS QUESADA, 2022, p.232).

17

Assim entendemos que as o cronista não era de origem Ibérica, e que ele havia desenvolvido os seus estudos em Alexandria, desta forma percebemos um mundo conectado em que temos uma relação direta entre a África e Europa, simplesmente pelo fato de que um muçulmano, que não vivia na península Hispânica, busca desenvolver uma leitura acerca da História do Califado de Cordoba. De acordo com Aline Dias da Silveira, “Estamos falando de um momento na história da África, da Ásia e Europa de muitas fronteiras porosas, mas nenhuma delas é nacional - só por esse fato, o estudo da Idade Média se torna instigante pelo exercício de entender um mundo sem a ideia do nacional” (SILVEIRA, 2019, p.222).

Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs também é pensada por Renata Rodrigues Vereza que vai apresentar a documentação como sendo uma crônica medieval, que abrange boa parte da história muçulmana desde seu início até o período contemporâneo do cronista, segundo Vereza:

A crônica do alfaqui Norte Africano Ibn Al-Kardabus conhecida como história de al-Andalus (*Kitab al-ikifa*) se debruça sobre a história de al-Andalus, desde a conquista até a época do califa almôada, Abu Yusuf Ya'qub al-mansur (1184-1199). O que nos faz datar sua escrita na segunda metade do século XII. Faz parte de uma obra mais extensa chamada *Kitab al-ikifa 'fi abjbar al-jula'fa*, que se debruça sobre a história desde a época de Maomé até os califas abássidas de meados do século XII (VEREZA; MAGELA “Org.”, 2022, p.89).

Vislumbramos algumas divergências entre Juan Martos Quesada e Renata Rodrigues Vereza ao se referir a temporalidade que a documentação foi compilada, não obstante, é possível entender que esta foi concebida após 1031, período que corresponde a queda do Califado de Córdoba, botando fim a unidade política de Al-Andalus.

Assim sendo, a *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs* abrange a chegada muçulmana ao Mundo Ibérico, passando pelo Emirado e finalizando com a queda do Califado e início dos reinos de Taifas. Ou seja, a obra apresenta a história dos islâmicos ibéricos escrita pelos Almóadas.





Outro ponto que devemos abordar é concepção da organização da fonte por *Ibn al-Kardabūs*, em que o cronista compreende a *Historia de Al-Andalus* em duas etapas interpretativas (MARTOS QUESADA, 2022, p.232): a) Na primeira parte de sua obra o cronista aborda uma visão holística sobre o Islã, tendo muito destaque principalmente na vida do profeta Maomé, posteriormente analisa os primeiros califas; aborda também al-Andalus como sendo uma extensão da dinastia Omíada e a história dos muçulmanos no território Ibérico vai se estender até os primeiros anos do reinado Almóada, referente ao califa alifa Abū Yūsuf Ya‘qūb al-Mansūr (1184-1199); b) A segunda abordagem da obra do cronista reme ao califado Abássidas até o ano de 1122.

| 8

Através destes pilares estruturais da obra de *Ibn al-Kardabūs* apresentado por Juan Martos Quesada, buscamos fazer o nosso escopo de análise voltado para a História de al-Andalus. O entendimento histórico do cronista acerca de península pautado na documentação pode ser sintetizado como “*contienen detalles históricos inéditos, en particular para las épocas de taifas y almorávide. Se le considera a Ibn al-Kardabūs como un mero compilador bastante objetivo, aunque a veces recoge leyendas y tradiciones que nada tienen que ver con el realismo preciso del que hace gala*” (MARTOS QUESADA, 2022, p.233).

Na documentação *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs*, o organizador Felipe Maíllo Salgado nos apresenta, no prefácio da obra, quem foi o cronista juntamente com o contexto histórico do seu trabalho, demonstrando a relação do cronista juntamente com a corte Almóada. Segundo Salgado:

Efectivamente, del autor de la Historia de Al-Andalus muy poco es lo que sabemos, tan sólo que el alfaquí Abu Marwan ‘ Abd al- Malik ibn al-Kardabus al-Tawzari entre la segunda mitad del siglo VI y la primera mitad del VII de la hégira (considerando que la noticias de su crónica llegan hasta su propia época, y que éste termina a principios del reinado del reinado del califa almohade Abu Yusuf que murió en el 595 (1199), se puede establecer que, aun cuando el autor muriese en el siglo VII/ XIII, su vida transcurrió prácticamente en la segunda mitad del siglo VI/XII), en la ciudad de Tawzar (Tozeur), situada en la región de Qastilia, en Ifriquiya (Túnez meridional). Sabemos que durante un periodo de su vida vivió en Egipto, pues Ibn al-Sabbat nos dice que estudió en Alejandria, donde fue discípulo y contemporáneo del famoso tradicionalista alejandrino Abu Tahir al-Silaf. (SALGADO “ed”, 2008, p.13).

Com as palavras de Felipe Maíllo Salgado entendemos que o cronista muçulmano viveu no apogeu da dinastia Almóada, período que este califado estava presente no Mundo Ibérico e as forças cristão do norte da península ainda estavam se mobilizando para impedir o avanço islâmico, os relatos de *Ibn al-Kardabūs* são anteriores ao grande





conflito de Las Navas de Tolosa⁴ 1212; “composta por contingentes castelhanos, aragoneses, portugueses, narrasses e gascões, a vitória da coligação cristã representou um marco decisivo na luta pela Reconquista da Península Ibérica” (GUIMARÃES “org.”, 2013, p. 50). Este confronto grandioso é visto como sendo um dos divisores de águas no processo da expansão dos reinos cristãos do norte da península Ibérica, uma vez que após esta vitória latina boa parte do território peninsular passou para o domínio latino.

Com isso, percebemos que o desenvolvimento da crônica corresponde ao momento em que os Almôadas estavam presentes no Mundo Ibérico. É possível pensar que um dos objetivos desta fonte é legitimar a presença Islâmica neste território, buscando desenvolver assim uma história que tem como objetivo apresentar as raízes muçulmanas da península Hispânica. Melhor dizendo, “*Nacional que la población hispanomusulmana en estado de latencia mantenía; por ello, se pensaba que, al suscitar un rey nacional, los almorávides, como extranjeros indeseables, serían abandonados por la mayor parte de la población*” (SALGADO “ed”, 2008, p.28).

Esta ideia defendida por Salgado na introdução da documentação também é abordada pela historiadora Maribel Fierro na obra *Doutrina y Prática jurídicas bajos los Almohades*, em que a historiadora compreende este movimento muçulmano da seguinte maneira.

El movimiento almohade, em sí mismo fruto de unas condiciones locales, debe también ser entendido como parte de un proceso continuo dentro del mundo islámico por limitar la fragmentación de la doctrina musulmana 910 y controlar la producción y reproducción del conocimiento locales de conocimiento islámico (CRESSIER; FIERRO; MOLINA, 2005, p.928).

Como manifesta Salgado e Fierro, podemos entender que este movimento muçulmano apresenta como perspectiva se legitimar através dos conflitos armados, e tendo como fundamento a “*The conquest of al-Andalus was seen as the turning point,*

⁴A batalha de Las Navas de Tolosa é considerada uma das mais relevantes para o processo de Reconquista cristã, devido aos resultados dessa batalha e às suas influências na história medieval ibérica. [...] O conflito de 1212 importa pelo fato de: a) após a vitória, os cristãos terem obtido a hegemonia sobre o território ibérico; b) ter ocorrido a união de várias forças, constituídas por cruzados oriundos da França e homens armados provenientes dos reinos ibéricos de Castela, Navarra, Aragão e Portugal; c) ter impedido o avanço do império Almôada sobre a península.[...] as lutas em Las Navas de Tolosa, o modo como a mentalidade dos protegidos de Cristo era compreendida e como tal vitória foi recebida pelos cristãos. Já para os Almôadas, tal luta foi um golpe fatal, embora as fontes cristãs não demonstrem a influência dessa derrota muçulmana, a historiografia atual aborda-a. Allen Fromherz (2010, p. 69) assim entende Las Navas de Tolosa: “Se não fosse pela estagnação e eventual derrota dos Almôadas em Las Navas de Tolosa, em 1212, o sonho de Ibn Tumart de um califado muçulmano reunido, estendendo-se de Magrebe à Pérsia, poderia ter sido realizado”. A derrota dos muçulmanos não teve ressonância apenas no mundo ibérico, tal fato causou a ruína do movimento Almôada. (VASCONCELOS; 2019, p.67-68)





even though Almohad ambitions went far beyond Islamic Spain⁵” (FROMHERZ, 2010, p.11). *They ruled the rich cities of al-Andalus and were the dominant power in the western Mediterranean*⁶. (FROMHERZ, 2010, p.17).

Assim dizendo, os Almóadas durante seu processo expansionista visavam levar o Islã para além do norte da África, utilizando dos princípios dos *Jiahd*, para este desenvolvimento, desta maneira este grupo, buscava levar a guerra e as conquista para os muçulmanos que não seguia esta doutrina assim também para os cristãos que viviam no velho continente, pois esta doutrina Islâmica era compreendida como “*parte de un proceso continuo dentro del mundo islámico por limitar la fragmentación de la doctrina musulmana y controlar la producción y reproducción lácales del conocimiento islámico*” (CRESSIER; FIERRO; MOLINA, 2005, p.457-476).

Consequentemente, *Ibn al-Kardabūs* em sua crônica vai apresentar o discurso referente ao *Jiahd*, com isso o cronista vai dar destaque para os grandes feitos muçulmanos no Mundo Ibérico. O recorte temporal apresentado na fonte “*Emirato y califato omeya, reinos de taifas, etapa almorávide y primeros años almohades, en particular los siglos XI y XII*” (MARTOS QUESADA, 2022, p.233).

Por esta perspectiva, compreendemos o motivo de alguns fatos estarem ou não presentes na *Historia de Al-Andalus*. A fonte busca expor fatos ligado ao islamismo desde sua chegada ao território ibérico, apresentando as relações dos Omíadas e sua ligação com o profeta Maomé, destacando também relações com os cristãos peninsulares em especial o rei Alfonso VI e Rodrigo Díaz de Vivar vulgarmente conhecido como El Cid. “*En ocasiones el autor de la crónica nos ofrece datos que pueden coadyuvar, mediante su contrastes, a un mayor conocimiento y rigor del hecho histórico*” (SALGADO “ed”, 2008, p.29)

O fio condutor da obra *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs* nos remete a formação, desenvolvimento e declínio tanto do Emirado como o Califado de Córdoba, desta maneira a baliza temporal presente na fonte se inicia na península ibérica durante o período da guerra civil visigótica em 711 quando os islâmicos adentraram ao território hispânico. A obra apresenta os principais feitos dos primeiros emires, e depois dos califas, e, em alguns momentos, o cronista também apresenta uma relação com nomes cristãos

⁵Tradução Livre: A conquista de al-Andalus foi vista como o ponto de virada, embora as ambições almóadas fossem muito além da Espanha islâmica

⁶Tradução Livre: Eles governaram as cidades ricas de al-Andalus e foram o poder dominante no Mediterrâneo ocidental.





anteriormente citados, demonstrando assim alianças e relações com os cristãos do reino de Castela.



Figura 2: Dinastia Almóada e sua expansão territorial. DUBY, Georges. *Atlas Histórico Mundial*. Madrid: Larousse, 2007. (p.108)

Nessa imagem, vemos um mapa que apresenta a chegada dos Almóadas sobre o território da península. É interessante perceber que durante a produção *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs*, temos uma intensificação dos conflitos bélicos entre cristão e muçulmanos na Península Ibérica. Em outros termos, a documentação apresenta um viés bélico uma vez que está inserida no contexto da expansão territorial tanto cristão como dos Almóadas, constatamos esta relação também nos textos do cronista *Ibn al-Kardabūs* que apresenta os conflitos bélicos como sendo um *Jihad*.

Um aspecto fundamental que devemos perceber neste contexto é que a fonte tem como objetivo legitimar os intuitos bélicos dos Almóadas tanto contra os cristãos, como contra os próprios muçulmanos. Por consequência, a documentação vai ser pensada, de uma forma que “*Dios es el concede la victoria o la derrota, de nada sirven los ejércitos numerosos. [...] Todo depende del designo divino. Según esto, los musulmanes pueden o no ser favorecidos*” (SALGADO “ed”, 2008, p.33). Em outros termos, constatamos com o fragmento da fonte apresenta uma relação dos fatos históricos frente à vontade divina,





ou seja, tanto as vitórias com derrotas no campo de batalha como as relações cotidianas frente aos latinos e muçulmanos são feitas conforme a vontade de Deus.

Através da busca pela compreensão do contexto histórico da obra *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs*, podemos alavancar aqui os principais alicerces presentes nesta documentação para assim facilitar o pensamento acerca da crítica documental, assim também como este cronista vai compreender o seu tempo, esta estruturas são a) o pensamento da *Jihad* sendo desenvolvida pelos Almóadas aplicando tanto para os muçulmanos como contra os cristão; b) a busca do uso da história para legitimar a expansão territorial dos Almóadas além do território do Norte da África; *Los almohades resultaban de vital importancia, no sólo porque la persistencia de las taifas suponía un freno a la expansión norteafricana, sino también porque su mantenimiento implica un enorme desgaste del potencial militar y económico de al-Andalus* (GARCÍA FITZ, 2002, p.110); c) as ligações entre os Omíadas e as suas descendências diretas com o profeta Maomé; d) a apresentação de um mundo medieval conectado entre diferentes reinos como (Império Bizantino, os Almorávidas, os reinos cristãos do norte da península Ibérica, e o reino Franco); e) outro aspecto histórico que devemos levar em consideração referente a fonte é a convocação das Cruzadas efetuada pelo papa Urbano II para Francisco Garcia Fitz “*Inocencio III Estaba dispuesto a aprovechar la efervescencia que aquellos síntomas delataban para organizar otra cruzadas contra los musulmanes*” (GARCÍA FITZ, 2002, p.148).

Por meio desses cinco pilares percebemos o desenvolvimento de uma narrativa pautada na fé islâmica, juntamente com uma vasta relação com os reinos muçulmanos e cristãos, partindo das interações para a manutenção da fé Almóada apresentando como objetivo central a perspectiva do *Jihad*, que iremos abordar nos capítulos subsequentes. Assim sendo, nossa compreensão é que durante o contexto da produção da fonte *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs* percebemos uma aplicação e desenvolvimento da compreensão acerca do *Jihad*, em que os Almóada oriundo do norte de África apresentavam um projeto político militar expansionista, que visa conquista o território Ibérico.

Considerações finais

Através da análise da *Historia de Al-Andalus: Ibn al-Kardabūs*, conseguimos pensar em novos olhares para a Idade Média ibérica, e também como podemos romper com a medievalística tradicional, que factualmente abordam apenas as narrativas cristãs





sobre esta baliza temporal. Em outras palavras, se desenvolve um novo olhar para o período medieval, quando buscamos romper com as visões enraizadas na medievalística tradicional.

Nossa proposta com este trabalho, foi demonstrar a possibilidade de desenvolvimento de uma nova narrativa histórica que leve em consideração agentes e fontes históricas fora do mundo cristão peninsular. Melhor dizendo, no Mundo Ibérico medieval coexistiam diversas culturas, como por exemplo, a judaica e muçulmana. Este é o motivo de debatermos e analisarmos o contato e as relações destas distintas culturas.

| 13

Referências bibliográficas

SALGADO, Felipe Maíllo (ed.). **Historia de Al-Andalus: ibn al-kardabus**. Madrid: Akal, 2008.

Historiografia:

BARROS, José D'Assunção (org.). **A Historiografia: como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2022.

BORA, Fozia. **The Early and Medieval Islamic World**: published in collaboration with the society for the medieval mediterranean. New Zealand: I.B. Tauris, 2019.

CRESSIER, Patrice; FIERRO, Maribel; MOLINA, Luis (ed.). **Los almohades: problemas y perspectivas** vol ii. Paris: Casa de Velázquez, 2005.

DUBY, Georges. **O Ano Mil**. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____, Georges. **Atlas Histórico Mundial**. Madrid: Larousse, 2007.

FROMHERZ, Allen J. **The Almohads: the rise of an islamic empire**. New York: I.B. Tauris & Co Ltd, 2010.

GARCÍA FITZ, Francisco. **Relaciones políticas y guerra: la experiencia castellano-leonesa frente al islam**. siglos xi-xiii. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla-Secretariado de Publicaciones, 2002.

GUIMARÃES, Marcella Lopes (org.). **Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

_____, Marcella Lopes. Crônica de um gênero histórico. Revista **Diálogos Mediterrânicos**, v. 1, p. 67-78, 2012.

KENNEDY, Hugh. **Os Muçulmanos Na Península Ibérica: história política do al-andalus**. Lisboa: Europa-América, 1999.

LOYN, Henry R. (ed.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MARTOS QUESADA, Juan. **Historiografia Andalusía: manual de fuentes árabes para la historia de al-andalus**. Madrid: Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones, 2022.

REIS, J. E.; RIBEIRO, L. A. O. As crônicas medievais como fonte de pesquisa: uma análise comparada de duas edições da Crônica de Alfonso X. **REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA** (UFRJ), v. 11, p. 226-245, 2017.

SALGADO, La construcción de la historia desde el Islam. **Anales de historia antigua, medieval y moderna**, ISSN-e 1853-1555, ISSN 1514-9927, Nº 41, 2009, págs. 47-84.

SILVA, Paulo Duarte; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (Org.). **Ensaio de História Medieval: Temas que se renovam**. Curitiba: CRV, 2019.

SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: Estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**, v. 8, p. 210-236, 2019.





VASCONCELOS, Éderson José de. **A Reconquista**: pesquisa e ensino da história medieval ibérica por meio de objeto educacional. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2020.

VEREZA, Renata Rodrigues; MAGELA, Thiago Pereira da Silva (org.). **História Medieval**: fontes & análises. Rio de Janeiro: Eduff, 2022.

